



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

DOUGLAS DO NASCIMENTO LIMA

AS FORMAS DE VIGILÂNCIAS PRESENTES EM *GAME OF THRONES*

**GUARABIRA
2017**

DOUGLAS DO NASCIMENTO LIMA

AS FORMAS DE VIGILÂNCIAS PRESENTES EM *GAME OF THRONES*

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de licenciado em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Literatura, gênero e
imaginário.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2017**

L732f Lima, Douglas do Nascimento.
As formas de vigilâncias presentes em Game of Thrones
[manuscrito] / Douglas do Nascimento Lima. - 2017
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Vigilância. 2. Poder. 3. Game of Thrones.

21. ed. CDD 342

DOUGLAS DO NASCIMENTO LIMA

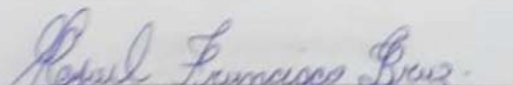
AS FORMAS DE VIGILÂNCIAS PRESENTES EM *GAME OF THRONES*

Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Gênero e Imaginário

Aprovada em: 27 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cauz Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai e minha mãe, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À coordenação do curso de Graduação em Letras, por seu empenho.

Ao professor Me. Rafael Francisco Braz pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Espedito Luis de Lima pelo apoio e incentivo incondicional.

A minha mãe Liozete Garcia do Nascimento Lima por tudo que ela representa e significa em minha vida. Aos professores do Curso de Graduação em Letras, de modo geral, que contribuíram ao longo desses anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quanto nos foi necessário.

Aos meus amigos e colegas de classe pelos momentos de apoio, amizade, companheirismo, aprendizado e de diversão que compartilhamos. .

Por fim, mas, não menos importante, a DEUS pelo dom da vida.

“[...] o discurso não é simplesmente aquilo que se traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Michel Foucault, 1996, p., 10

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem retirada do livro Vigiar e punir: nascimento da prisão (1987, p., 43)	20
Figura 2 – Retirada do DVD Game of Thrones; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 1.....	21
Figura 3 – DVD Game of Thrones; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2	22
Figura 4 - Retirada do DVD Game of Thrones; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2.....	23
Figura 5 - DVD Game of Thrones; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2.....	24
Figura 6 - Retirada do DVD Game of Thrones; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 3.....	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO E SEU CONTROLE.....	13
2	O poder em Foucault: as relações de poder	17
3	VIGILÂNCIA E CONTROLE	19
3.1	A muralha	21
3.2	Deus Antigos (As Árvores)	23
3.3	Os pássaros (Corvos)	26
4	CONCLUSÃO	27
	REFERÊNCIAS	29

AS FORMAS DE VIGILÂNCIAS PRESENTES EM *GAME OF THRONES*

Douglas do Nascimento Lima *

RESUMO

Mediante as formas de suplicios/humilhações, começa a surgir um sentimento de revolta por parte da população. É a partir de meados da segunda metade do século XVIII e início do século XIX, os juristas começam a buscar novas formas de punição, podemos marcar que é a partir desse momento que nascem as prisões e, também, uma nova forma de aplicação do poder pautada na vigilância. Diante da inquietação de estarmos vivendo em uma sociedade de vigilância – onde todos os passos são vigiados, seja no mundo real, virtual e fictícios – nos propomos neste trabalho de conclusão de curso (TCC) analisar as formas de vigilâncias presentes na série televisiva *Game of Thrones* na primeira temporada. Ressaltamos as seguintes formas de vigilância e objeto de nosso estudo presentes em *Game of Thrones* na primeira temporada: a grande *Muralha*, os *Deuses Antigos* e os *Pássaros*. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Foucault (1979;1987;1996, 2010) Revel (2005), Yazbek (2012). A análise nos mostra que *Game of Thrones*, com sua visibilidade mundial que conquistou milhões de fãs a cada temporada, nos dispusemos a demonstrar a capacidade transgressora que a aplicação e manutenção do poder ganha na perspectiva da vigilância. Sem dúvida, independente de estarmos falando do mundo real ou fictício, o poder exercido pela vigilância, desempenha o mesmo papel: o de tornar o corpo indivíduos dóceis e úteis, seja pela estabilidade das normas que regem a sociedade, seja pelo aproveitamento de um melhor desempenho dos indivíduos para a manutenção de uma sociedade capitalista.

Palavras-chave: Vigilância. Poder. *Game of Thrones*.

1 INTRODUÇÃO

É inegável a contribuição de Michel Foucault para a sociedade moderna. Seus estudos, perpassam diversas áreas do conhecimento como a filosofia, psiquiatria, antropologia, sociologia dentre outras áreas. Com uma temática ampla e distinta, no entanto, citaremos apenas algumas como forma de situar o leitor sobre a importância de suas obras para o entendimento da sociedade em sua conjuntura atual, assim, sua temática circula pelo campo da sexualidade, discurso, estudos relacionados ao poder e sua aplicação e evolução relacionados a vigilância como forma subjugar os indivíduos a um controle disciplinar, essa última, é que nos interessa nesse momento trabalhar nesta pesquisa.

* Aluno de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: douglasdonascimento.lima@hotmail.com

Até a primeira metade do século XVIII, o poder era aplicado ao corpo dos indivíduos que cometessem algum crime como forma de punição e esse poder era centrado na figura do rei. As punições podiam variar de acordo com o crime, contudo, seguiam um mesmo padrão – as aplicações das penas eram abertas ao público, uma forma do rei manter a população sob controle por meio do medo.

As punições e/ou suplícios eram as mais variadas para quem cometessem crimes, como por exemplo, a tortura, a redução e precarização da alimentação, eram jogados em masmorra, percorriam as ruas pelados portando o objeto do crime, tinham seus corpos queimados ou amarados a quatro cavalos, entre tantos outros rituais de punições. Podemos, assim, dizer que o condenado por algum crime passaria por verdadeiro “inferno” em vida.

Mediante as formas de suplícios/humilhações, começa a surgir um sentimento de revolta por parte da população. É a partir de meados da segunda metade do século XVIII e início do século XIX, os juristas começam a buscar novas formas de punição, podemos marcar que é a partir desse momento que nascem as prisões e, também, uma nova forma de aplicação do poder pautada na vigilância.

Nessa nova perspectiva de aplicação de poder, ou mesmo, ótica do olhar, não mais serão submetidos a castigos físicos os indivíduos que transgrediram as normas, mas sim a vigilância, mecanismo que vai coagir, prevenir e punir qualquer forma de transgressão das leis e, ainda, disciplinar os indivíduos. Essa nova forma de aplicação de poder possibilita o Estado tomar os corpos desses indivíduos e tirar todo o potencial desses corpos para a realização de atividades, vemos então que essa forma de punir também é uma forma econômica de aplicação de poder.

Essa nova técnica de aplicação de poder baseia-se em conceito desenvolvido por Jeremy Bentham, o qual denominou de estrutura Panóptica[†], estrutura por meio da qual se permite vigiar de forma permanente e contínua os indivíduos. É a partir desse conceito de Bentham, que se baseiam as mais modernas e tecnológicas formas de vigilância, como exemplo; câmeras, GPs, redes sociais e os satélites de monitoração.

Nessa linha de raciocínio, evidenciamos não haver mais limites para a aplicação da vigilância, pois seus limites ultrapassam o mundo real, atingindo outros mundos – virtual, literário, fictício e cinematográfico – esses fatos reforçam a ideia de estarmos inseridos em uma sociedade disciplinar de vigilância.

[†] Esse conceito será desenvolvido no decorrer do trabalho.

Diante da inquietação de estarmos vivendo em uma sociedade de vigilância – onde todos os passos são vigiados, seja no mundo real, virtual e fictícios – nos propomos neste trabalho de conclusão de curso (TCC) analisar as formas de vigilâncias presentes na série televisiva *Game of Thrones* na primeira temporada. Ressaltamos as seguintes formas de vigilância e objeto de nosso estudo presentes em *Game of Thrones* na primeira temporada: a grande *Muralha*, os *Deuses Antigos* e os *Pássaros*

A referida temporada da série é uma adaptação dos livros *As Crônicas de Gelo e Fogo* – mais especificamente do seu primeiro volume – (a obra é centrada no gênero fantasia) do escritor norte americano George Raymond Richard Martin ou, simplesmente, George R.R. Martin.

A série televisiva, *Game of Thrones* foi estreada em 2011, transmitida pela rede de televisão americana HBO sob a direção executiva de David Benioff e D.B. Weiss. A narrativa fílmica gira em torno dos conflitos entre os Sete Reinos pelo controle do Trono de Ferro, pois o controlar garantirá sua sobrevivência durante o longo inverno que se aproxima. Reiteramos, novamente, o intuito do nosso trabalho, o de analisar as formas de vigilâncias na primeira temporada de *Game of Thrones*.

Podemos, no entanto, especificar como nossos objetivos: a-) evidenciar as formas de vigilância na primeira temporada de *Game of Thrones*; b-) analisar as formas de vigilância na primeira temporada da série televisiva em questão a luz das teorias foucaultiana.

Nesta perspectiva, conduzimos a presente pesquisa, buscando evidenciar a aplicação do poder por meio da vigilância, que ultrapassa as barreiras do mundo real, mostrando a dimensão da manutenção do poder via vigilância. Esta pesquisa é de caráter quanti/qualitativa.

O referencial teórico usado para a realização dessa pesquisa leva em consideração as questões discursivas na perspectiva de Foucault (1996), (2010). Enquanto para a questão do poder, Foucault (1979), (1988) e Revel (2005); e em se tratando da vigilância Foucault (1987) e Iazbek (2012); e para entender alguns pontos sobre a série Jacoby (2012).

Portanto, os focos recaem sobre as formas de vigilância na série *Game of Thrones* primeira temporada. Dessa forma, para a realização desta pesquisa optamos por dividir nosso trabalho em três partes, descritas, assim:

No primeiro tópico, intitulado - *a ordem do discurso* – situamos o leitor sobre o conceito de discurso e formas discursivas.

No segundo tópico, nomeado - *a materialização do discurso e seu controle* – expomos os mecanismos de controle do discurso bem como as relações de poder que permeiam a sociedade.

Finalizamos com o terceiro tópico chamado – **vigilância e controle** – expondo em breve relato considerações sobre a serie *Game of Thrones* e discorrendo a análise do corpus desse trabalho de conclusão de curso. Por último, nossas considerações finais e referências usadas na elaboração deste trabalho.

Neste presente trabalho, buscamos mostrar a dimensão fluida, da aplicação do poder coercitivo na perspectiva da vigilância que perpassa as barreiras do mundo real com o ficcional através dos elementos analisados na série *Game of Thrones* em sua primeira temporada. Desta maneira, esperamos poder oferecer uma singela contribuição no tocante ao estudo da vigilância nos campos sociais e filosóficos do saber.

2 A MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO E SEU CONTROLE

A noção do termo discurso é extremante ampla e assim, ela não pertence a um único campo do saber. O discurso perpassa o conjunto das ciências sócias e humanas (passando pela linguística, filosofia, psicologia, entre outras), contudo, elas convergem em um ponto em comum, diante do fato que todas as definições estão intimamente ligada a ideia de linguagem, podendo ser entendido como uma pratica social que decorre por meio da fala da escrita e por imagens, como atividade comunicativa entre indivíduos.

O discurso surge de vários fatores são eles de ordem: social, política, histórica, econômica, étnica e cultural, conferindo, assim, um caráter ideológico ao discurso (o que se pensa sobre algo). Outro ponto a se destacar sobre o discurso, é que ele só se define como discurso quando existe a relação com sujeito(s), criando-se um jogo de poder onde o(s) sujeito(s) agem uns sobre outros. Para Revel (2005) define discurso como:

“O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinada (por exemplo, a grande separação entre razão/desrazão): a "ordem do discurso" própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas”. (p., 37).

A produção de discursos não é arbitrária, obedecem a um certo número de regras comuns, mesmo pertencendo a campos de saberes distintos. Por exemplo aos contextos sócio-

históricos, que procuram limitar, controlar, censurar, coagir a produção de discursos do(s) sujeitos, assim, mantendo o poder centralizado nas macroestruturas sociais (Estado, Instituições acadêmicas, religiosas entre outras.). Além de produzirem saberes que em determinada época podem ser validados ou invalidados como verdade sócio-histórica.

O filósofo francês Foucault em seu livro *A ordem do discurso* (1996) nos define o termo da seguinte maneira:

“... o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que se traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (1996, p., 10).

Podemos assim dizer que por sua natureza sociocomunicativa o discurso torna-se alvo de desejo do(s) sujeito(s). E como sabemos os discursos se materializam por meio da linguagem, e o domínio dela possibilitará ao(s) sujeito(s) a “capacidade” de dissuadir, cativar/distanciar pessoas, manipular, seduzir, conquistar, entre outras, e logo, se transforma em objeto de cobiça. “...*inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades*”. (FOUCAULT, 1996, p., 8).

Michel Foucault em seu livro *A ordem do discurso* (1996), trata da produção/propagação dos mecanismos de controle, ou seja, as normas que regem os discursos nas diversas sociedades, inclusive a nossa. Foucault (1996), demonstra diante da complexidade de se proferir o discurso certo “receio”,

Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz. (FOUCAULT, 1996, p., 6).

De acordo autor podemos perceber que toda produção de discurso é o opaca, ou seja, mascara verdades, camufla intenções, procuram incutir determinadas ideologias[‡] na cabeça das pessoas, ou ainda “sonegar” informações a determinados grupos de indivíduos.

[...] em nossas sociedades (e em muitas outras, sem dúvida), a propriedade do discurso – entendida ao mesmo tempo como direito de falar, competência para compreender, acesso lícito e imediato ao corpus dos enunciados já formulados, capacidade, enfim, de investir esse discurso em decisões, instituições ou práticas – está reservada de fato (às vezes mesmo, de modo regulamentar) a um grupo

[‡] Para o entendimento desse conceito sugerimos buscar o texto de Valdemir Miotello, denominado de *Ideologia* encontrado no livro *Bakhtin: Conceitos-Chave*. Segue em nossas referências como indicação de leitura.

determinado de indivíduos; nas sociedades burguesas que conhecemos desde o século XVI, o discurso econômico jamais foi um discurso comum (não mais que o discurso médico, ou discurso literário, ainda que de outro modo). (FOUCAULT, 2010, p., 75.).

Destacarmos com relação aos discursos é que, mesmo se tratando de uma prática social – onde teoricamente todos poderiam produzir, difundir e compreender os discursos que circulam dentro de uma sociedade, no entanto, o que ocorre é exatamente o contrário, existem discursos em diversas sociedades que se restringem a um pequeno e porque não dizer seletivo grupo de sujeitos, a esse respeito poderíamos destacar os seguintes discursos: jurídicos, econômicos e da área da medicina. Os discursos utilizam de uma linguagem técnica, ou específica da área fazendo como o que esses tipos de discursos circulem apenas nas chamadas elites, excluindo assim, as camadas menos abastadas da sociedade.

De acordo com o pensamento de Foucault, exposto em sua *A Arqueologia do saber* (2010), discorre da seguinte forma,

[...] o discurso deixa de ser o que é para a atitude exegética: tesouro inesgotável de onde se podem tirar sempre novas riquezas, e a cada vez imprevisíveis; providência que sempre falou antecipadamente e que faz com que se ouça, quando se sabe escutar, oráculos retrospectivos; ele aparece como bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimentos e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que se coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, objeto de uma luta, e de uma política”. (FOUCAULT, 2010, p., 136-137).

Conforme o pensamento foucaultiano, podemos perceber que todas as produções de discursos estão condicionadas a regras, contrariando a interpretação exegética[§], pois “[...] em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade”. (FOUCAULT, 1996, p., 8-9).

É, portanto, por meio desses procedimentos que as instituições controlam o fluxo de poder, pois entendem que o discurso é sim veículo de poder, além de ser objeto de desejo, pois quem detém o discurso conseqüentemente apropria-se do poder. A respeito do conceito de *poder*, discorreremos sobre no próximo item do nosso trabalho.

Para Foucault, em seus estudos identificou e agrupou em dois grupos os distintos procedimentos de controle dos discursos: O primeiro grupo, diz respeito aos procedimentos externos, que também funcionam como mecanismo de exclusão do discurso, pois acabam por

[§] Parte da Teologia que se dedica à exegese bíblica.

excluir discursos que vão de encontro aos discursos vigente em uma sociedade num contexto sociohistórico.

Podemos determina-los, assim, este grupo em: I-) o procedimento de **interdição**, que se divide em, a) tabu do objeto: onde alguns discursos não podem ser proferidos, conforme vemos, “[...] *em nossos dias, as regiões onde é grande é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política [...]*”. (FOUCAULT, 1996, p., 9). b) o ritual da circunstância: alguns discursos não devem ser ditos em certas ocasiões, tomemos por exemplo; durante a festa de um casamento não se deve chegar para os recém-casados e dizer “meus pêsames”, pois esse discurso não se adequa ao contexto, uma vez que esse enunciado é típico de cerimônias fúnebres.

Temos, por fim temos, c) o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: determinados discursos só devem ser emitidos por determinados indivíduos, como é o caso de uma sentença judiciária que é de exclusividade do juiz. II) **separação e rejeição ou oposição a razão e loucura**: está ligado a noção de loucura que “*Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros [...]* Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem estudadas”. (FOUCAULT, 1996, p., 10-11).

Por questões sociohistóricas, caso um sujeito produza um discurso que contrarie o discurso vigorante, o mesmo será entendido como louco e suas palavras nunca serão aceitas como verdades. III) **a oposição do verdadeiro e falso**, que discuti a historicidade da vontade de saber, ou seja, a incessável busca das pessoas por verdade ao longo do tempo. “[...] *o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo –, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava [...]* era o discurso que pronunciava a justiça [...]”. (FOUCAULT, 1996, p., 14-15). Nesse procedimento as instituições determinam o que é verdadeiro ou falso.

O outro grupo e o dos procedimentos internos, nesse grupo são os próprios discursos que se controlam, “[...] *funcionam, sobretudo, a título de ordenação e distribuição[...]*”. (FOUCAULT, 1996, p., 21). Ele encontra-se divididos em três partes: I) o comentário, nesse mecanismo temos, “[...] *texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários*”. (FOUCAULT, 1996, p., 24-25). O comentário é a retomada, repetição em outros discursos de um discurso primário com a função, “[...] *de dizer o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro*”. (FOUCAULT, 1996, p., 25).

Um outro ponto é que o autor, aqui a autoria atribui sentido ao discurso, “[...] *ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber seu sentido ou sua eficácia de um*

autor ao qual seriam atribuídos [...]”. (FOUCAULT, 1996, p., 26). E, por fim, III) a disciplina, diferentemente do que ocorre no autor, não tem a validade do discurso atrelada a um indivíduo, mas a um conjunto de regras pertencentes a determinada área do saber, pois esses procedimentos agem sobre os sujeitos como uma força coercitiva, cuja a principal função é manter o poder centralizado nas grades intuições.

2.1. O poder em Foucault: as relações de micropoderes

Nesse momento, se faz necessário nos situarmos a respeito do termo poder, para isso recorremos ao próprio Foucault (1988),

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contribuições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, p., 102-103).

De acordo com o pensamento foucaultiano, o poder não é uma coisa nem uma propriedade, ele não está localizado somente no governo ou no estado, ele encontra-se distribuído em várias instancias da sociedade. Conforme afirma Revel (2005, p., 67), *“Foucault nunca trata do poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas de “relações de poder” que supõem condições históricas de emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos [...]”*.

O poder é uma rede relacionamentos de relações sociais (micropoderes), isso quer dizer que em todos os lugares em todas as classes sociais há sempre relações de poder, o Estado não é o órgão central e único do poder, há um deslocamento de lugar, onde o poder se descola do centro para as extremidades (instituições como, família, escola, igreja, presidio, hospital).

[...] tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1979, p. 183).

O poder é acima de tudo coercitivo, controlando e disciplinando os indivíduos. Diferentemente, do que acontecia durante o século XVII e primeira metade do século XVIII, onde as punições para quem cometesse algum crime eram as mais cruéis possíveis, trata-se de verdadeiros suplícios, que levava o condenado a pior das mortes, pois os rituais de torturas (suplícios) eram abertos ao público, uma verdadeira demonstração de poder do rei, além de ser também uma forma de controle da população.

Esse panorama começa a mudar quando juristas, pensadores e filósofos do século XVIII, buscam uma nova forma de punição, pois o suplício já não é bem visto pela população. Essas formas de aplicação de poder nascidas na segunda metade século XVIII, torna-se foco da obra *Vigiar e punir* de Michel Foucault, conforme Yazbek (2012) a obra discorre sobre,

[...] interessa sublinhar que a análise genealógica desenvolvida em *Vigiar e punir* não se constitui no estudo da “prisão” propriamente dito, mas de toda uma “tecnologia de poder” egressa da segunda metade do século XVIII, momento em que as práticas punitivas ocidentais sofrem uma modificação fundamental: uma generalização da detenção como forma de principal de punição terá lugar aqui, apontando para a configuração de uma nova economia do poder na qual o corpo suplicado será substituído pelo corpo disciplinado pelos dispositivos de exame e vigilância”. (YAZBEK, p., 107-108).

Percebemos que o nascimento de uma nova forma de punição, deixando de lado os suplícios aplicados ao corpo físico do indivíduo (dando espaço para a “popularização” da prisão como forma de punição), para moldar, disciplinar, adestrar o corpo e a mente por meio de mecanismos de controle sob a perspectiva do olhar (vigilância), ou seja, formas de exercer o poder e produzir um determinado tipo de sociedade.

Nesse sentido, instituições como, a escola, prisão, hospícios, quartéis, eram recintos de condicionamentos, onde os indivíduos são colocados por um determinado período para moldar sua conduta e disciplinar seu comportamento. Por disciplina entende-se como sendo, *“certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos: Técnicas de individualização do poder”*. (REVEL, 2005, p., 35).

Essa nova forma de punir (vigilância) baseia-se na estrutura do Panóptico idealizado pelo filósofo Jeremy Bentham (1748-1832). Yazbek (2012), descreve o Panóptico Bentham como,

[...] uma construção periférica, em forma de anel, com uma torre de vigilância em seu centro. O edifício é dividido em celas, cada qual possuindo duas janelas – uma para o exterior, por onde entra a luz, e uma para o interior, de frente para a torre central. A torre central, por sua vez, possui janelas que permitem olhar através das janelas interiores das próprias celas. Sendo assim, basta situar o vigilante na torre central para assegurar a vigilância daqueles que estão presos nas celas. O jogo de luminosidade – que emana das janelas que dão para o exterior das celas – permite que o vigilante veja sem ser visto. [...] trata-se de induzir no detendo um estado

consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. (YAZBEK p., 114-115).

Aplicando esse princípio em nosso contexto social, podemos dizer que vivemos em uma sociedade vigilante, a vigilância se dá seja por meios das instituições (Estado, escola, hospitais, quartéis, etc.), seja por dispositivos (câmeras, GPS, satélites etc.), estamos sendo constantemente vigiados e, conseqüentemente, condicionados por esse poder.

3 VIGILÂNCIA E CONTROLE

Inicialmente, faz-se necessário situarmos o(s) leitor(res) a respeito da série televisiva *Game of Thrones*, pois alguns elementos (que denotem a condição de vigilância) e estão presentes na série, serão o foco principal desta análise. Estreada em 2011, no canal HBO, canal a cabo da rede de televisão norte-americana, em sua primeira temporada a série atingiu a impressionante marca de aproximadamente 2,5 milhões de telespectadores em média a cada episódio.

Devido ao sucesso estrondoso, a série (na primeira temporada), logo, conquista fãs em todo o mundo, inclusive no Brasil. Atualmente, a série está na sua sétima temporada, que deverá ser a penúltima temporada dessa série televisiva, como consequência de tanto sucesso vieram vários prêmios dentre, os quais destacamos os diversos Emmy.

Baseada em *As Crônicas de Gelo e Fogo* (volume composto por cinco livros) do romancista George R. R. Martin de origem norte-americana, que foram publicados pela editora Bantam Spectra (1996), a narrativa possui contornos que beiram o fantástico (presença das feras míticas, dragões e além de mortos vivos) que possui como cenário o período medieval. Jacoby (2012) nos conta ainda sobre a série,

A narrativa se concentra nos conflitos dinásticos que dividem os Sete Reinos sob a sombra de uma catástrofe iminente. Essa catástrofe pode ser obra de seres nefastos e talvez seja o fim da narrativa, mas a escolha de Martin em manter o foco nos personagens demasiadamente humanos, com suas falhas demasiadamente humanas, foi tão bem-feita que conquistou legiões de fãs do assim chamado “realismo corajoso” da narrativa. (JACOBY, 2012, p., 9).

A série traz à tona, as diversas lutas pelo poder, pelo acúmulo de fortuna, pela honra, os sentimentos mais vis que habitam nos corações dos seres humanos, a imposição do poder por meio da violência e em várias das vezes a morte, a histórias de intrigas, e anseios que atravessam, as vidas dos habitantes dos Sete Reinos de Westeros, talvez esses sejam de fato os “ingredientes mágicos”, conferem tamanho sucesso a essa obra televisiva.

Outro ponto a se destacar é com relação a delimitação desse trabalho, diz respeito ao fato de que nós iremos nos deter, apenas, a primeira temporada do seriado *Games of thrones*, uma vez que os elementos a serem analisados, embora apareçam nas demais temporadas não sofrerão alterações em sua função aos olhos do referencial teórico utilizado como aporte para realização desse trabalho. Os elementos a serem analisados dentro da série são: a muralha, Deuses Antigos (As árvores) e os corvos, pois remetem a condição de constante vigilância.

Análise será desenvolvida com base na estrutura panóptica estudada por Foucault em seu livro *Vigiar e punir* (1987) e de acordo com conceitos de poder, controle, disciplina e vigilância ambos de ordem foucaultiana. Novamente faremos uma breve retomada a respeito da estrutura panóptica afim de facilitar seu entendimento, conforme as palavras de Foucault (1987) o panóptico é,

O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem. Foi o que imaginara Ledoux ao construir Arc-et-Senans: no centro dos edifícios dispostos em círculo e que se abriam todos para o interior, uma alta construção devia acumular as funções administrativas de direção, policiais de vigilância, econômicas de controle e de verificação, religiosas de encorajamento à obediência e ao trabalho; de lá viriam todas as ordens, lá seriam registradas todas as atividades, percebidas e julgadas todas as faltas; e isso imediatamente, sem quase nenhum suporte a não ser uma geometria exata. (FOUCAULT, 1987, p.,146).

Agora, traremos exemplos imagéticos dessa estrutura, como forma de sintetizar as palavras de Foucault em um plano visual.

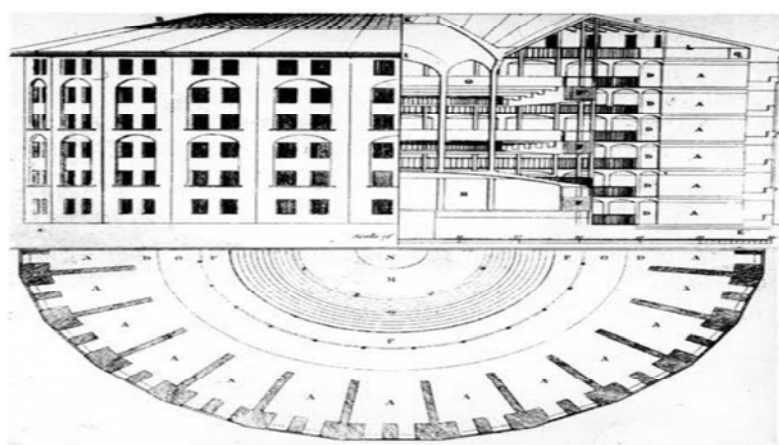


Figura 1: J. Bentham. Planta do Panóptico.
Fonte: (FOUCAULT, 1987, p., 43).

Com o desenvolvimento da estrutura panóptica, muda-se o rumo não só das prisões – como pensado inicialmente – mas, também de outras instituições, como é o caso das escolas, fabricas, entre outras instituições. É a partir do aprimoramento dessa perspectiva a sociedade começa a ganhar contornos disciplinares, até chegarmos a nossa contemporaneidade, na qual, somos permanentemente vigiados e conseqüentemente controlados pelas diversas estruturas panóticas existente na sociedade.



Figura 2: Castelo de Winterfell.
Fonte: DVD; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 1.

Na figura 1, temos o modelo do cárcere perfeito (estrutura panóptica) projetado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham, que na qual se coloca um vigilante em um ponto estratégico (torre), de onde ele poderia vigiar os encarcerados sem ser notado, assim, os presos não transgrediriam as normas, pois não sabem se o vigilante está ou não em seu posto,

Na figura 2, temos o *Castelo de Winterfell*, (um dos cenários da série *Game of Thrones*), o mesmo é cercado por torres, elas serviam como pontos de vigilância no caso de possíveis conflitos entre reinos, era possível por meio delas observar a chegada dos inimigos a uma determinada distancia, possibilitando o ganho de tempo para um contragolpe.

Logo, podemos notar que ambas as figuras se assemelham, pois, exprimem condição de vigilância, assim, indo ao encontro das palavras de Foucault (1987, p., 170), “*O esquema panóptico é um intensificador para qual quer aparelho de poder: assegura sua economia (em material, em pessoal, em tempo); assegura sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos*”.

3.1 A muralha

A muralha é uma gigantesca construção com aproximadamente 500 Km de extensão por 200 m de altura, que protege toda costa norte dos sete reinos de ameaças como, dos selvagens, Caminhantes Brancos e de qualquer outra ameaça que exista além dela.

A construção da muralha é atribuída a Brandon Stark (o construtor), sua estrutura é composta do gelo solido e rocha, pois a sua construção já soma mais oito mil anos, fato esse que dá margem para histórias que dizem que além dos compostos que compõem sua estrutura física, nela também haveria algum tipo de magia, que explicaria toda longevidade desse monumento.



Figura 3: A muralha

Fonte: DVD; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2

A muralha é guardada pelos guardiões da noite que é uma ordem militar que se distribui em fortalezas ao longo da muralha. As fortalezas são, o Castelo Negro, o castelo Atalaialeste do Mar, a Torre Sombria, o castelo Fortenoite e a última é Dádiva (propriedade cedida pela Casa Stark a Patrulha da Noite para seu sustento e suporte).

Partindo da perspectiva de vigilância proposta por Foucault, a muralha assemelha-se ao modelo do panóptico, por se tratarem de um certo tipo de poder coercitivo, na forma de controle e vigilância dos indivíduos presentes na muralha, uma vez que os membros da Patrulha da Noite são em sua maioria são indivíduos infratores da lei como podemos ver no diálogo entre Yoren membro da Patrulha da Noite e Tyrion Lannister,

-Tyrion: Então, você vaga pelos sete reinos capturando batedores de carteira e ladrões de cavalo e os traz pra cá como recrutas?

-Yoren: Sim. Mas, nem todos eles fizeram coisas ruins, alguns são pobres coitados procurando comida, outros bem-nascidos procurando a glória". (DVD; 1ª Temporada; disco 2; capítulo 3)

Logo, tanto a muralha quanto a Patrulha da Noite são instituições disciplinares, pois como afirma Foucault (1987),

A disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. (FOUCAULT, 1987, p.,143).

Desse modo, a disciplina é um meio de garantir o controle sobre esses indivíduos, já que *“o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam”*. (FOUCAULT, 1987, p., 143).



Figura 4: Simulação de combate entre os recrutas
Fonte: DVD; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2

Ser membro da Patrulha da Noite, também, é uma forma punição para os indivíduos que transgredem a lei, pois *“eles recebem uma escolha entre “vestir-se de negro”, isto é, jurar defender Westeros com a vida dos horrores inenarráveis para lá da Muralha, ou a morte”*. (JACOBY, 2012, p., 169). Assim, em vez do rei impor-lhes castigos físicos ou simplesmente mata-los, o rei toma seus corpos si, após um longo processo de “adestramento”, onde esses indivíduos que antes praticavam crimes contra a sociedade agora irão defende-la com sua vida, caso necessário.

Nesse contexto, a muralha torna-se uma espécie de “albergue penal” onde os indivíduos que ali estão inseridos, modificando sua conduta por meio dessa *“uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. As pedras podem tornar dócil e conhecível”*. (FOUCAULT, 1987. p., 144).

3.2 Deuses Antigos (As árvores)

A fé é conceito tipicamente do campo religioso, que perpassa as mais distintas sociedades sobrevivendo ao tempo e a história, e que estar intimamente as palavras crença, confiança, acreditar e adorar, alguns seres ou objetos, por acreditar que eles possuem poderes, que os tornam capazes de controlar os acontecimentos dentro de um contínuo espaço-tempo, e a essas entidades são atribuídos os títulos de divindades (os Deuses).

A manifestação da fé se dá por meio de cultos, rituais ou práticas de adorações a essas entidades, que se diversificam de acordo com a sociedade e ao longo do tempo. Essa manifestação da fé em nossa sociedade contemporânea, não é única e exclusiva do mundo real, ela também se materializa em diversas narrativas do mundo ficcional, como é o caso da série *Game of Thrones*, onde temos diversos Deuses com distintas formas de adoração. Contudo, para essa análise nos deteremos apenas aos Deuses Antigos (entidades fictícias presentes na série *Game of Thrones*), afim de demonstrarmos por meio dos foucaultianos que a fé é uma forma de disciplina e controle dos indivíduos.



Figura 5: Árvore coração

Fonte: DVD; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2

Os Deuses Antigos, são na verdade os espíritos da natureza, e são as divindades mais antigas cultuadas nos sete reinos e são representados pelas Árvores Corações, no entanto, atualmente o culto a esses deuses é quase que exclusividade das populações do Norte de Westeros e nas Ilhas de Ferro. O abandono da adoração aos Deuses Antigos é consequência do advento de Novos Deuses, nascendo assim a nomenclatura opositiva entre os Deuses Antigos e Novos Deuses.

Podemos ver o a adoração e devoção aos Deuses Antigos (Árvore Coração), quando Bran Stark pede proteção para seu irmão (Robb Stark) e os outros como podemos em sua suplica aos Deuses Antigos,

-Bran: Por favor cuide do Robb e cuide de todos os outros homens de Winterfell e do Theon também, eu acho.

-Osha: Ouvi eles garoto? Os Deuses Antigos estão te respondendo.

-Bran: O que você está fazendo aqui?

-Osha: Também são meus Deuses, além da muralha são os únicos Deuses. (DVD; 1ª Temporada; disco 4; capítulo 8).

O papel de vigilância aqui é dado pelo discurso “*a vigilância é um de seus principais instrumentos de controle. Não uma vigilância que reconhecidamente se exerce de modo fragmentar e descontínuo; mas que é ou precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua, perpétua, permanente; que não tenha limites, penetre nos lugares mais recônditos, esteja presente em toda extensão do espaço*”. (FOUCAULT, 1979. p., XVIII).

Nesse contexto, percebemos que adorarmos os Deuses porque eles possuem poderes, que os tornam onipresentes, ou seja, estão em todos os lugares nada escapa de seus olhos, mantendo os indivíduos disciplinados por “temerem” seu poder,

O poder disciplinar, ao contrário, se exerce tomando-se invisível; em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. Sua iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre eles. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém o indivíduo disciplinar. (FOUCAULT, 1987. p., 156).

Outra cena, que merece destaque é quando Catelyn Stark vai conversar com seu prisioneiro Jaime Lannister e o mesmo vai questionar a existência dos Deuses Antigos,

-Jaime: Que são esses deuses?

Mais árvores para as quais seu marido orava?

Onde estavam elas quando estavam cortando a cabeça dele?

Se seus deuses são reais e se são justos, por que o mundo é tão cheio de injustiça? (DVD; 1ª Temporada; disco 5; capítulo 10).

Neste momento, a questão da fé é que é imposta, pois a fé é uma forma de controle e, também, de disciplina, Foucault nos diz, “que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p., 105). Ou seja, mesmo Jaime questionando o poder dos

Deuses Antigos, não se tem como escapar da materialidade do poder, pois estamos sempre expostos as suas regras.

3.3 Os pássaros (Corvos)

Os corvos são aves “inteligentes” que sofrem treinados para transportarem mensagens entre os sete reinos.



Figura 6: Corvo

Fonte: DVD; 1ª Temporada; disco 2; capítulo 3

Sendo parte fundamental na transmissão de informações como podemos observar em alguns diálogos,

-Luwin: O que? Haverá uma batalha na floresta dos Deuses? Hã? Facilmente as palavras de guerra se tornam atos, ainda não sabemos a verdade. Lord Stark, deve ser informado.

-Catelyn: Não confio num corvo para levar a mensagem. (DVD; 1ª Temporada; disco 1; capítulo 2).

-Varys: Acho que está confundindo negócios com prazeres.

-Petyr Baelish: Estou? Todos os pássaros sussurram em seus ouvidos coisas muito bonitas. Acredite nós fornecemos para todos os gostos.

-Varys: Com certeza!

(DVD; 1ª Temporada; disco 3; capítulo 5).

Como materialidade discursiva, os pássaros, na série são representados como agentes dos discursos de vigilância, ou seja, são formas menores de passar a informar, ou melhor, o conhecimento do escrito através de mensagem, que “*um poder da escrita é constituído como uma peça essencial nas engrenagens da disciplina. Em muitos pontos, modela-se pelos métodos tradicionais da documentação administrativa*”. (FOUCAULT, 1987. p., 157).

Outro ponto a se destacar, com relação aos agentes dos discursos de vigilância, que encontram no personagem Lorde Varys uma onisciência absoluta, como o mesmo afirma durante um diálogo que teve com Catelyn,

-Catelyn: Como sabia que eu estava vindo?

-Varys: Sabedoria é o meu negócio milady. Por acaso trouxe sua adaga?

-Varys: meus pássarinhos estão por toda parte, até mesmo norte, eles sussurram para mim as histórias mais incomuns. (DVD; 1ª Temporada; disco 2; capítulo 3).

O fato de Varys ter conhecimento sobre os acontecimentos mais relevantes que ocorrem nos sete reinos, possibilita-o manipular os fatos e controlar suas consequências por meio de, “*uma série de mecanismos de vigilância que aparecem entre os séculos XVIII e XIX e que têm como função não tanto punir o desvio, mas corrigi-lo, e, sobretudo, preveni-lo: Toda a penalidade do século XIX transforma-se em controle, não apenas sobre aquilo que fazem os indivíduos - está ou não em conformidade com a lei? - mas sobre aquilo que eles podem fazer, que eles são capazes de fazer, daquilo que eles estão sujeitos a fazer, daquilo que eles estão na iminência de fazer*”. (REVEL, 2005. p., 29).

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, foi desenvolvida a análise analítica/interpretativa das estruturas de vigilância na série televisa *Game of Thrones*. Partimos da perspectiva de que paulatinamente ao passo que essas estruturas de vigilância exercem seu papel primário – o de vigiar – elas também exercem um poder coercitivo controlador sobre os indivíduos que estão dentro de campo de visibilidade. Por conseguinte, a pesquisa denominada “*As formas de vigilâncias presentes em Game of Thrones*”, esse trabalho de conclusão de curso apresentou um estudo desenvolvido à luz de teorias foucaultinas, com o intuito de demonstrarmos a representação do poder nas estruturas de vigilâncias presentes na referida série.

Concernente a relevância desse estudo, que traz em sua temática a aplicação do poder – não mais como forma de castigos/punições físicos severos sobreposto àqueles que cometiam crimes ou contrariavam a ordem vigente – tais formas de aplicação do poder datam entre os séculos XII e XVIII – centrados na figura de um soberano o rei, mas a partir de uma nova forma de se aplicar o poder, que pauta-se na vigilância, como forma de controlar e adestrar os indivíduos, no entanto, esse princípio já se faz presente na obra audiovisual *Game of Thrones*, que tem seus acontecimentos narrados na Idade Média.

Nossa pesquisa encontrou segmentada em três momentos. No primeiro momento apresentamos o conceito de discurso bem como algumas de suas particularidades, no tocante a sua definição que vaga por diversos campos do saber, no tocante a sua sujeição a contextos sociohistóricos para sua produção e propagação.

Já no segundo momento nos debruçamos sobre os mecanismos de controle que regem a circulação dos discursos em sociedade, assim como, a definição do termo *poder* e suas relações sociais (micropoderes) exercida de forma não aleatória e em todos os sentidos, a partir da ótica foucaultina. Esse poder advém de uma macroestrutura social o Estado, onde o mesmo é redistribuído em estruturas menores como por exemplo; a escola e família, sempre exercendo o papel controlador sobre os indivíduos.

E por último a análise do corpus onde a partir da perspectiva da aplicação do poder como forma de vigilância, analisaremos as seguintes estruturas presentes na série *Game of Thrones: A Muralha, Deuses Antigos (As árvores coração)* e os *Pássaros (Corvos)*, pois, essas estruturas que denotam vigilância, desempenham um papel de relevância em se tratando da manutenção e aplicação do poder.

Podemos constar, por meio das análises, a materialização de um poder – poder esse que alvo de estudo do filósofo francês Michel Foucault –, existente nas diversas sociedades contemporâneas, incluindo a nossa, que fora transposto para realidade cinematográfica e se apresenta na obra televisual em questão, com os mesmos padrões coercitivos manifestados no mundo real.

Em vista dos argumentos apresentados, reforça-se ainda mais a ideia de que estamos inseridos em uma sociedade altamente controlada pela força de um “olho invisível” que nos observa constante e permanentemente. Somando-se a globalização ao advento de novas tecnologias, que trazem consigo aparatos modernos e cada vez mais sofisticados em termos tecnológicos, que possibilitam rastrear, controlar os indivíduos. Como ilustração disto novamente recorreremos aos exemplos dos GPs e redes sociais, que de certo modo possibilitam vigiar os indivíduos. Destarte, podemos afirmar, que essas novas formas tecnológicas que denotam vigilância é a versão atualizada da estrutura panóptica desenvolvida por Bentham.

Portanto, vislumbramos, na obra televisiva *Game of Thrones*, aproveitando-nos de sua visibilidade mundial, que vai conquistando milhões de fãs a cada temporada, nos dispusemos a demonstrar a capacidade transgressora que a aplicação e manutenção do poder ganha na perspectiva da vigilância. Sem dúvida, independente de estarmos falando do mundo real ou fictício, o poder exercido pela vigilância, desempenha o mesmo papel: o de tornar o corpo indivíduos dóceis e uteis, seja pela estabilidade das normas que regem a sociedade, seja pelo aproveitamento de um melhor desempenho dos indivíduos para a manutenção de uma sociedade capitalista.

RESUMEN

Mediante las formas de suplicios / humillaciones, comienza a surgir un sentimiento de revuelta por parte de la población. Es a partir de mediados de la segunda mitad del siglo XVIII y principios del siglo XIX, los juristas empiezan a buscar nuevas formas de castigo, podemos señalar que es a partir de ese momento que nacen las prisiones y también una nueva forma de aplicación del poder en la vigilancia. Ante la inquietud de estar viviendo en una sociedad de vigilancia - donde todos los pasos son vigilados, sea en el mundo real, virtual y ficticio - nos proponemos en este trabajo de conclusión de curso (TCC) analizar las formas de vigilancia presentes en la serie televisiva *Game of Thrones* en la primera temporada. Resaltamos las siguientes formas de vigilancia y objeto de nuestro estudio presentes en *Game of Thrones* en la primera temporada: la gran Muralla, los Dioses Antiguos y los Pájaros. Por tanto, nuestra fundamentación teórica se basa en Foucault (1979, 1987, 1996, 2010, 1996, 2010) (2005), Maingueneau (2015), Yazbek (2012). El análisis nos muestra que *Game of Thrones*, con su visibilidad mundial que conquistó millones de fans cada temporada, nos dispusimos a demostrar la capacidad transgresora que la aplicación y mantenimiento del poder gana en la perspectiva de la vigilancia. Sin duda, independientemente de estar hablando del mundo real o ficticio, el poder ejercido por la vigilancia, desempeña el mismo papel: el de hacer el cuerpo individuos dóciles y útiles, sea por la estabilidad de las normas que rigen la sociedad, bien por el aprovechamiento de un mejor el desempeño de los individuos para el mantenimiento de una sociedad capitalista.

Palabras clave: Vigilancia. Poder. Game of Thrones.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth (org). *Ideologia*. In: **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-176.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de Saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- _____. **Microfísica do Poder**. Org. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **A Ordem do Discurso: Aula inaugural do Collège De France, pronunciada em 12 de Dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- JACOBY, Henry. **A guerra dos tronos e a filosofia**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad., Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

-YAZBEK, André Constantino. **10 lições sobre Foucault**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SITES:

-ADORO CINEMA. Disponível: <http://www.adorocinema.com/series/serie-7157/audiencias/#14376_on_20026>. Acesso em: 05 de outubro, 2017 às 10:00.

-G1. POP E ARTE. Emmy Awards 2016: 'Game of thrones' quebra recorde de prêmios. Disponível: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/09/emmy-awards-2016-game-thrones-quebra-recorde-de-premios.html>>. Acesso em: 05 de outubro, 2017 às 10:05.

-CASANOVA, Rafael. **Info: *As Crônicas de Gelo e Fogo*** – George R. R. Martin. Disponível: <<https://www.sobrelivros.com.br/info-as-cronicas-de-gelo-e-fogo-george-r-r-martin/>>. Acesso em: 05 de outubro, 2017 às 10:15.

-GAME OF THRONES. Muralha. Disponível: <<http://pt-br.gameofthrones.wikia.com/wiki/Muralha>>. Acesso em: 05 de outubro, 2017 às 10:50.

-STAMATO, Bernardo. EI NERD. Quais são os Segredos da Muralha de Game of Thrones?. Disponível: <<https://www.einerd.com.br/muralha-game-of-thrones/>>. Acesso em: 06 de outubro, 2017 às 07:00.

-GAME OF THRONES. Patrulha da Noite. Disponível: <http://pt-br.gameofthrones.wikia.com/wiki/Patrulha_da_Noite>. Acesso em: 06 de outubro, 2017 às 08:12.

-GAME OF THRONES. Deuses Antigos da Floresta. Disponível: <http://pt-br.gameofthrones.wikia.com/wiki/Deuses_Antigos_da_Floresta>. Acesso em: 06 de outubro, 2017 às 09:37.

-ADM. Religião em ASOIAF: Os deuses antigos. Disponível: <<http://www.gameofthronesbr.com/2010/09/religiao-em-asoiaf-os-deuses-antigos.html>>. Acesso em: 06 de outubro, 2017 às 13:57.

-MENDES, Eduardo. Game of Thrones: como os corvos enviam mensagens entre castelos? <<https://optclean.com.br/game-of-thrones-corvos-mensagens/>>. Acesso em: 06 de outubro, 2017 às 15:22.

